

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 5 DE JUNHO DE 1917

ANO I—N.º 23

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO
ANO..... 1\$00 || BRAZIL
SEMESTRE . \$50 || ANO..... 7\$000
NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

O TURISMO NA PROXIMA PAZ

II

E' preciso olhar para o futuro, e a guerra com todos os seus horrores, ha de trazer com a paz, um certo numero de compensações que, se não cobrirem todos os sacrificios, hão de suavisar-lhe a tremenda dôr.

Em Portugal ha o velho habito de ir ao estrangeiro, e estamos certos de que nenhum outro paiz dá uma percentagem maior que a nossa, a essa capital do mundo civilisado que se chama Paris. Ali vae toda a gente, desde o rico proprietario ou industrial, ao simples empregado, que junta umas economias para ir gosar por uns dias as delicias de homem rico.

No *Sud-Express*, no rapido de 1.ª e 2.ª classes, no comboio correio, que diariamente circulavam entre Lisboa e Paris, uma boa parcela da sua concorrência era de portuguezes e caixeiros viajantes estrangeiros. A corrente de passageiros que do Brazil e da Argentina, passava todos os dias em Lisboa, enchendo vapores enormes, dava relativamente um pequeno contingente de passageiros para estes comboios.

E porquê?

Porque a maioria d'esses passageiros, ignoravam o excelente serviço que aqueles comboios faziam.

E não era raro encontrar-se passageiros que, por doença, ou perda do vapor na sua travessia por Lisboa seguiam pelo caminho de ferro para Paris, e ficavam maravilhados com o serviço de comboios, para eles desconhecido.

E quantos ainda, ao deitarem a cabeça de fóra da janela do *Sud-Express*, não ficavam tambem surpresos, com a deliciosa paisagem que se de-

senrola pela vista, e de que até ali não lhes haviam sequer falado!

Ha muitos anos que vimos pela imprensa, reclamando a criação de uma carreira de vapores nacionaes para o Brazil, sem que até agora a nossa voz fosse ouvida, porque ainda a ninguem mereceu, tão importante factor de progresso, mais que meia duzia de palavras bem coordenadas num discurso governamental.

Continua e continuará por muitos anos, sem solução, este importante problema de economia nacional, e não seremos nós que voltaremos ao assumpto, porque é triste, mesmo muito triste, bradar num deserto.

Isto vem a proposito da influencia que tal linha de navegação traria ao turismo, pois que essa companhia, tendo interesse em trazer passageiros só até Lisboa, havia certamente de fazer uma larga propaganda, em toda a America do Sul, do nosso magnifico porto de mar e do nosso excelente serviço directo, Lisboa-Paris. Mas como a realisação de tal objectivo, está para as calendas gregas, devemos nós, todos os que nos interessamos pelo turismo nacional, tratar de aproximar brazileiros e argentinos, por uma pertinaz e bem orientada propaganda na America do Sul, das nossas belezas naturaes, e sobretudo do nosso serviço directo internacional.

Para essa propaganda, muito concorrerão, como dissemos no ultimo numero, as peluculas da casa Gaumont; mas, como nem toda a gente vae ao animatographo, a propaganda por meio de cartazes artisticos, folhetos e artigos em jornaes, completarão aquella, eficazmente.

E se, entretanto, surgir—como o velho milagre de Ourique, de que nós sempre esperamos em todas as coisas— a linha de navegação nacional ela será o complemento de tão activa propaganda, que nem em tal caso devemos esfriar na atração, por aqueles meios, dos viajantes brazileiros.

Lá fóra, as grandes companhias de caminhos de ferro, tem entre os seus multiplos serviços, uma repartição de propaganda, destinada a divulgar por meio de folhetos e cartazes, as belezas da região que atravessam, e as facilidades que concedem aos seus viajantes, na aproximação, por meio de comboios rapidos.

As companhias francezas, de Midi e Orleans fazem, por esta epoca, artisticos albums com gravuras sugestivas das praias da Bretanha e dos pontos pitorescos dos Perineos. E no inverno as provincias de Auvergne e da Touraine, tem tambem a réclamisalas, elegantes folhetos, em que os seus *chateaus*, as suas vilas, e os seus monumentos, são postos em destaque.

E d'esses livrinhos, que o caminho de ferro paga por preços elevados, pois o seu texto é de escriptores da especialidade, é feita uma larga divulgação, e em varias linguas, sendo os que temos presente em portuguez.

Muita gente supõe que o viajante só dá lucro, quando se instala nos hotéis e quando entra nos estabelecimentos a fazer compras.

Ainda ha anos nos disse uma pessoa da sociedade portuense, e com influencia directa n'uma grande empresa do norte, que os comboios rapidos do Minho e Douro, não deviam dar seguimento directo aos da Companhia Portugueza, para obrigar os passageiros a ficar no Porto, e consequentemente a fazer despeza.

Erro formidavel.

Os passageiros, que as exigencias varias os obrigam a chegar rapidamente

a um certo destino longíquo, mantem, com a sua frequência, um serviço de comboios consideravelmente melhor, do que se esse mesmo serviço lhe não d'esse a facilidade de se transportar velozmente, pois em muitos casos desistiria da viagem.

N'este mesmo caso estamos, com o porto de Lisboa. Deve-se, por um lado, exaltar a rapidez e a comodidade da viagem terrestre Lisboa-Paris, e por outro, réclamar as nossas paisagens e monumentos, para que os passageiros não apressados as visitem.

posições? Porque descuraremos nós os attractivos que podem servir de fonte de riqueza? Em Lisboa deveria fazer-se uma grande exposição de rosas. Aqui fica o alvitre. Os interessados que pensem n'elle.

NO PORTO

UMA BELLA EXPOSIÇÃO DE ROSAS

COMO SE CHAMA GENTE E COMO SE DEVE CHAMAR

DIAS de verão, quentes, cheios de bom sol, costume abalar da cidade e ir para paragens mais sadias, onde a cigarra canta *hossanas* de meiguice e os arroyos murmuram litanias de saudade. E' á tarde. Esbatem-se ao longe, em sombras pardacentas de nevoeiro londrino, serras das cercanias. Abandonado a cidade, grande amontoado de casaria banhado pelo halito empestado do vicio. Ficam por cá olhos grandes de creanças onde se leem romances de miséria e ficam olhos opthalmicos de lanternas de casas de penhores que á noite são vermelhos; ficam vozes d'homens gastos pelo alcool e ficam as vozes das trompas d'automoveis de *stores* vellados, encobrindo passeios a tascas d'arrabalde, em connubios duvidosos.

Deixo tudo isto. Deixo p'ra trás a lama, deixo p'ra trás o lodo. Entra Maio. Tudo sorri lá fóra. As corollas delicadas abrem-se em espasmos de luxuria. Vae pelas arvores uma chilreada que me faz recordar a infancia que passou. E por sobre tudo isto, cõbre-me um céu azul, unico no mundo, onde á noite, a espaços, se adivinha a silhueta luminosa das estrellas...

E a minha alma ri. Está n'ella a eterna Primavera...

Pois foi por uma primavera assim, há dias ainda, que eu abalei. D'esta vez não foi o campo que me seduziu. Fui de longada até ao Porto, minha terra natal, onde as rosas se davam *rendez-vous* no Palacio.

Oh! a eterna belleza das rosas, irmãs das mulheres pela frescura, do vinho pela embriaguez que causam, do mel pela doçura que distillam...

O encanto das rosas! O eterno thema das petallas abertas, illusões que se desfolham, cores que se descoram, almas que se cançam...

Era bella essa exposição. Havia n'aquelle dia no Palacio uma multidão terrante que contemplava a maravilha.

E que maravilha! Nem sei se mais

admirar a bellêza nativa das rosas, se a disposição artistica que lhes tinham dado. Veio-me á memoria a duvida de Oscar Wilde, o grande artista do paradoxo, proclamando a superioridade do homem sobre o creado, sobre a Natureza. Porque a verdade é esta: aquellas rosas do Palacio, sem o espectáculo feerico das grutas e dos repuxos, sem a graça das mulheres, suas irmãs pela Bellêza; sem o gosto da disposição que lhes dera maior magestade e frescura, seriam umas pobres rosas, abandonadas e sem viço talvez vendidas para minorar misérias, por uma galderia, á porta do Tavares...

Essa exposição do Palacio de Crystal do Porto, que acaba de encerrar-se e a que tive o prazer de assistir, veio mais uma vez mostrar que em Portugal há possibilidade de se fazer qualquer coisa de util, quando a iniciativa não precise transitar pelos corredores dos Ministerios e pelas bancas dos burocratas.

Serão descabidas estas considerações? Não são.

Um dos grandes factores do Turismo é, sem duvida, a realisação de *certamens* que chamem publico e que proporcionem ensinamentos. Congressos, reuniões, discursos, são fogos de vista que não produzem obra util e queimam as pestanas dos interessados. Em Portugal há muito que fazer. Se é certo que os poderes publicos tem sido d'uma incuria tremenda, tremenda tem sido a falta de iniciativa particular.

Foi por isso que há dias, perante a realisação d'essa exposição, eu me lembrei de quanto haveria de proveitoso na diffusão da propaganda do turismo. Não se espere do Terreiro do Paço uma ajuda inefficaz.

Congreguem-se boas vontades, trabalhe-se, deixe-se o marasmo em que jazemos, e alguma coisa se há-de colher d'essa mudança de costumes.

Porque não se fazem entre nós ex-

Havia duas installações na exposição: a da Companhia Horticola e a das Snrs. Moreira da Silva & Filhos. Esta ultima impunha-se pela belleza do conjunto e pela enorme quantidade de flores cortadas. Era d'um aspecto magestoso a grande nave, quando á noite, por entre os milhares de luzes e por entre os sorrisos de mulheres bonitas, as flores provocavam a retina, exibindo os seus dotes de Bellêza. No palco, o grande órgão executava trechos melodosos. E por entre a multidão, bandos de creanças, garrulas e travessas, passavam saltitando, lembrando-me um tempo que não volta...

Como com as flôres se podem fazer maravilhas! E como a vontade de dois homens transformou o *Palacio*—antigamente um logar bello mas sem attractivos,—n'uma mansão de sonho e de prazer!

Porque não seguir-lhes o exemplo? Porque não trabalhar? Só havendo que ver, haverá quem veja... Pois já que o nosso paiz tem muita que se veja, chamem-se por mil meios, d'outras terras, gente que saiba ver...

Lisboa, Maio 917

CARNEIRO GERALDES.

Portugal em animatographo

ESTÁ já em Lisboa o sr. Anathole Tiberville, operador da casa Gaumont, que, como já dissemos, vem a Portugal, cinematographar as nossas paisagens e monumentos.

Do largo programa organizado pela Repartição de Turismo, já foi executada a parte que diz respeito aos arredores de Lisboa.

Acompanha o operador o sr. J. Sequeira, empregado superior da casa Gaumont.

EXPEDIENTE

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, Largo da Abegoaria, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra e Figueira da Foz.

TURISMO

E' NOS sempre muito agradável registar o auxilio e aprovação aos incitamentos que a nossa «Revista» tem lançado para a defeza do turismo em Portugal, e é com a mais intensa satisfação que nas nossas colunas damos guarida a todos os brados que ecõem em harmonioso concerto com a nossa persistencia. Por isso, com a devida vénia, trasladamos para aqui o interessante artigo sob a nossa epigraphe, com que abre o numero 5 da importante Revista mensal Esmeralda, órgão da industria portugueza de ourivesaria.

As considerações nelle insertas são, alem de muito oportunas, d'um verdadeiro senso preventivo; afirmando d'uma forma real, a razão com que vimos batalhando n'esta luta a que nos abalançamos.

A interessante *Revista de Turismo* iniciou a publicação do relato dos trabalhos efetuados no Congresso Hoteleiro realizado em Lisboa nos ultimos dias de Maio findo, alem de outros artigos de especial importancia para a propaganda dessa nova industria.

Das diferentes teses apresentadas e discutidas notaremos, ainda que ao de leve, a que se refere á regulamentação do jogo. O jogo, quanto a nós, é um instrumento de corrupção, nocivo e pernicioso sob qualquer aspéto por que se encare. Em teoria somos, pois, contrarios ao jogo.

A sua existencia, porem, não nos faz mal, porque não nos seduz o oiro que sobre o pano verde das bancas espera, soberana e dominadoramente, o rolar metódico do aparelho que ha-de pronunciar a sentença, ou melhor, ha-de proclamar o seu novo possuidor.

Mas em face da impossibilidade da sua proibição, somos, tambem, pela sua regulamentação. Neste caso, porem, a regulamentação deve ser objeto de uma legislação especial e severa, tão severa que puna com rigor aqueles que se utilisem de dinheiro ou valores que a outrem pertençam—independentemente da ação da justiça e das leis já existentes.

Porém, o que principalmente nos interessa é o objetivo do turismo. Sendo assim, não devemos deixar passar a oportunidade que agora se nos oferece, para a ele nos referirmos. Vejamos pois.

O turismo interessa a todas as classes, mas mais particularmente á industria; de modo que todas as industrias assumem, em face das necessidades do problema no turismo, as graves responsabilidades do papel que são obrigadas a representar para a sua solução pratica.

Nenhuma industria se pode eximir aiosamente aos deveres que as circunstancias lhe impõem, por mais subtilidade e argucia que empreguem para explicar ou justificar a sua exclusão

do gremio em questão, ou, noutros termos, das obrigações coletivas.

Todavia, não acreditamos que o egoismo indusa, seja quem fôr, a tentar uma explicação de tal natureza. E' uma hipotese e nada mais.

Pensamos, portanto, que a industria de ourivesaria, como—de resto—todas as demais industrias, tem uma missão importante a cumprir no concerto desta campanha, superiormente dirigida por individualidades de destaque no nosso meio intelectual e economico.

Não é com o proposito vulgar de meter foice em ceara alheia, que nos pronunciamos. Pelo contrario; queremos prestar o nosso modesto concurso para a intensificação dessa propaganda e com esse intuito vimos lembrar que, tanto como a arte arquitetónica, a beleza dos nossos panoramas e a excelencia do nosso clima, interessa igualmente a arte aplicada e decorativa. Bem sabemos que alguns aspéto desse importante problema entusiasmanos mais que outros. Tudo tem o seu lugar ou seja o seu merito relativo. Não é, contudo, pequeno, o valor da industria de ourivesaria para o efeito em questão, facto que não deve ter esquecido de todo a algum dos membros do Conselho de Turismo. Compreende-se, perfeitamente que esse aspéto do problema não tenha sido versado até hoje, por esta industria pertencer, por sua própria natureza, ao numero daquelas que são relegadas para um plano secundário. Isso não impede, porém, que o coloquemos na tela da discussão, porque um assunto de tal monta convém ser estudado com largueza, e nada se faz sem tempo.

Demais a mais num Pais como o nosso, em que é necessário repetir 40 vezes a mesma coisa para ser ouvido! Somos pobres e surdos!...

Aí fica lançado o nosso brado. Que a nossa classe não se esqueça de prestar culto á ideia de turismo, procurando melhorar as condições da sua industria para despertar o *apetite* daqueles que nos visitam, que veem trazer-nos uma parcela das suas economias.

E' necessario provocar o interesse do turista pela nossa terra e, simultaneamente, convida-lo a deixar-nos oiro em troca dos nossos produtos.

Para isso é indispensável que a industria da ourivesaria se esforce por produzir, de cada vez mais, e melhor, sem esquecer os preços—que produtos similares lá fóra custam.

Sobretudo, o que se torna necessario é fazer coisas novas, coisas que eles não encontrem em outros paizes por onde passem, em suma: é necessario nacionalisar a industria da ourivesaria portugueza.

O turista é, em regra, culto.

Por onde passa olha, vê, analisa e documenta—acompanha-o sempre o lapis e o *codak*.

Colhe impressões e relata-as.

Que impressões lhe ficarão do nosso paiz, depois de o percorrer, quando, ao dar o seu balanço espirital, recordar a existencia de um belo clima, um lindo sol—e os tradicionaes carros de bois guiados por robustas mulheres do norte, de saia atada pela cintura, pé descalço e perna á mostra até pouco menos do joelho, como que a denunciar, cheias de orgulho, aos olhos que as admiram (e as invejam) toda a robustez duma raça que teima em viver digna e enlevadamente no culto religioso da sua tradição?

Que impressão lhes ficará quando, depois de detido exame aos museus, ás escolas e aos melhores estabelecimentos comerciais e industriaes, tiverem notado que nada de novo os surpreendeu, que encontraram a sombra pouco nitida do que tinham visto por outras partes, imitações grosseiras e de mau gosto?

Que dirão eles de nós?!

Que nos lisongeie, nada poderão dizer.

Mas é preciso que digam, que levem as melhores impressões dos nossos costumes, dos nossos panoramas, do nosso clima, da riqueza do nosso solo e, tambem, dos nossos artistas, do nosso comercio e da nossa industria.

E porque não?!

Porque não havemos de trabalhar afincadamente para isso?

Bem fez a Repartição do Turismo em realizar o congresso hoteleiro e votos fazemos nós para que a sua ação se multiplique com exito.

Anunciam-se gratuitamente n'esta revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do paiz.

PAISAGENS PORTUGUEZAS

DO CORGO AO TAMEGA

A última vez que me foi dado viajar pelo Vale do Corgo, despedia-se o mez de Agosto, quente e abrasado como se n'ele cahisse o sol dos tropicos.

Na Regoa, onde eu chegara ao meio dia, a estação trasbordava de viajantes. Uns de maleta simples esperavam com anciedade o comboio, outros mais pacientes, pousados em caixotes dispersos pela plataforma, viam decorrer o tempo, enxugando a testa a vastos

corre em baixo, ora bravio e impelindo penedos, ora alargando-se em pequenas lagoas, onde os salgueiras se miram oscilando, e as mulheres fortes de Traz-os-Montes, de saia amarrada pelo joelho, recolhem agua para as regas das timidias leiras de milho, abrigadas no supé dos montes escabrosos, onde a vinha desce agrinaldando escadarias, e pondo uma nota suave na paisagem bravia.

O comboio depois contorce-se nas

que uma moça transmontana, de peitos enormes, mal confidos no corpete, nos oferece por dez réis.

A agua, sabida do fino granito da serra, gela-nos o estomago e os olhos faiscentes da donzela, queimam-nos a alma.

Emfim, chegamos ao alto de Vila Pouca, onde uma aragem fina, que dulcifica o ar, nos toma de surpresa, e faz ir para longe aquele ambiente esbraseado de Agosto.

Em baixo no vale, as Pedras Salgadas, erguem para o Ceu, o arvoredo alto e espesso do seu parque, vasto e bem cuidado, os hotéis, o balneario, o casino espreitam entre pinheiros redondos como cogumelos gigantes.



VIDAGO
GRANDE HOTEL

lenços encarnados; pelo chão dormiam soldados de fardeta velha e de testa queimada; e em vae-vens difíceis entre a multidão, passeavam, envolvidas em vestidos claros e vaporosos, meninas lisboetas que iam para o Vidago, para as Pedras Salgadas, passar uma quinzena de aguas e de... *flirt*.

O almoço foi breve, o vinho precoce e rosado, acalmou um pouco o vulcão que me queimava cá por dentro.

O comboio do Vidago, rolou com pachorra, depois mais animado, ao transpor o ponte do Corgo, sob a qual as lavadeiras batiam roupa na sombra forte dos eucaliptos esguios, entrou a apitar com frenesi, e a galgar as primeiras curvas, que se torcem junto ao rio, como se uma serpente as traçasse caprichosamente, enquanto o Corgo

curvas, umas vezes para dentro, como que a fugir de rolar no despenhadeiro, outras para o rio, a mostrar ao viajante, um fresco regato murmurando entre fetos altos e castanheiros moços.

Alvações, a pequena aldeia a escorregar sobre o Corgo, sorri para nós, enquanto que do Marão, além ao poente, nos vem uma brisa ligeira que refresca o ar, e faz balouçar o arvoredo, que atrai para nós uma fragrancia que enebria.

Vila Real assoma agora entre os castanheiros, branca e garrida, com o rio a abraça-la, e depois o comboio, arfando entre penedos, espanta as perdzes que errompem ao pares; e mais adiante em Samardã, estaca, fatigado, bebe agua por um tubo de couro, e nós bebemo-la por um copo esguio

As Pedras Salgadas, obrigam a uma paragem, e as obras de melhoria do parque atraem uma visita.

Apeei-me e logo á entrada o largo portão do parque, traduz que alguma coisa ali se fez de moderno e confortavel.

A estrada de Boticas, foi corrida do parque, dando lugar a uma avenida, larga e bem ensombrada, onde gentis aquistas passeiam á tarde de guarda-sozinho rubro, mais para emoldurar o rosto n'uma fulguração rosada, que para fugir aos poucos raios de sol que se refletem no parque.

Tambem o Avelames, o tímido ribeiro que dava frescura ao parque, foi atirado cá para fóra, sendo substituído por um passeio, macisso de verdura, com bancos recatados, onde no silencio da

tarde as senhoras falam de vestidos e de amor...

Que mais dizer das Pedras Salgadas,



PEDRAS SALGADAS
A ENTRADA
DO PARQUE

que o seu casimiro vasto e elegante, se enche todas as noites de aqúistas onde ao som do tango argentino, as damas mostram os tornozelos perfeitos e um decote tentador. É que no seu parque entre o silêncio do arvoredo, e nas

sombras da tarde se esquece a gente, d'esta vida da cidade, tão ausente de sol e de repouso.

Das Pedras ao Vidago, é preferível viajar de trem ou de auto; passa-se em Sabroso, desce-se ao fundo da fonte monumental pela escadaria elegante, que dá a impressão de lá em baixo, junto á bica monumental, estarem nímphas a banhar-se n'uma fonte de phantasia lendaria. E depois ao descer-se para o Vidago pela estrada do Reigaz, os pinheiros murmurantes dão-nos a impressão dos lendarios assaltos aos viandantes, no tempo das viagens em liteiras, com creados de grosso varapau e de elavina no cinto de couro.

Quantas vezes, ao passar ali, não tenho eu recordado as façanhas de José do Telhado e da sua gente, que Camilo nos descreve no seu portuguez

castiço! Mas hoje, o povo transmontanodeixou ou enferrujou as escupetas e abriu-nos a alma como a hospedes sempre bemvidos.

Vidago, quando sonharia o famoso salteador, terror dos pinheiraes e das feiras, que, ali junto d'aquella pequena aldeia de Traz-os-Montes, se havia de erguer o primeiro hotel de Portugal e a sua famosa bica d'agua, que certamente elle ao bebê-la achou detestavel, havia de ter renome universal, e que ella seria o motivo para fazer d'aquella aspero rincão, a mais importante estancia thermal do nosso paiz?!

Mas não é só o magnifico Hotel que dá nome ao Vidago, é todo esse conjunto de arte e bom gosto que presidiu á feitura de outros melhoramentos.

As fontes de Vidago, são uma maravilha de architectura; os lagos, o parque, os pequenos edificios da estancia, são o remate do apurado gosto que fez de Vidago um pequeno Eden.

Vidago no fundo do vale da Oura, é como uma perola, que cahisse na concha d'aquellas serras de arvoredo bucolico e silencioso. O seu clima seco,

poço se afunde, á procura do liquido precioso para regar a horta, nasce agua bicarbonatada, que borbota a jorros, a esmo; e como se isso não bastasse, a Natureza, tão prodiga, fez ainda abrir na margem do Tamega, junto á vila de Chaves uma garganta de agua a ferver em bicarbonatos.

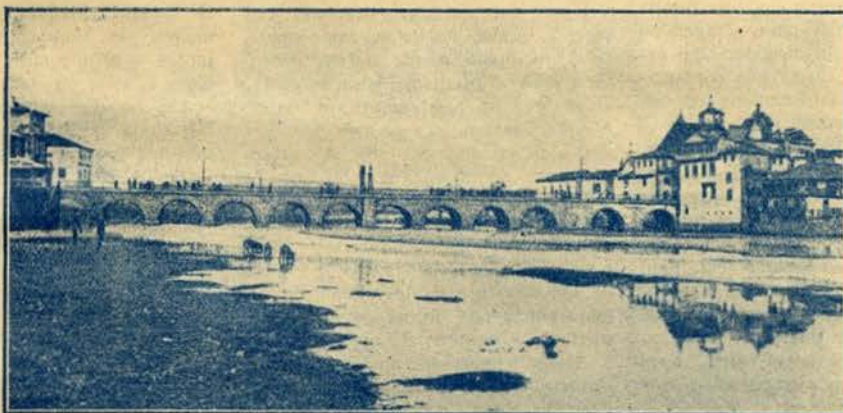
E não virá longe o dia em que as Pedras Salgadas, o Vidago, Chaves esta em breve com bons hotéis e balnearios, sejam um triangulo de turismo, onde comboios, continuos, despejarão legiões de aqúistas e forasteiros.

GUERRA MAIO.

O Jubileu do Touring Club de France

A celebração do 25.º aniversário da fundação do «Touring-Club de France» que devia realizar-se em 1915 foi, por motivo da guerra europeia, transferida para depois de assignada a Paz.

Por essa occasião, o Conselho d'Administração do referido Club organizará, não só em Paris, mas em todas as provincias da França uma grande manifestação nacional em favôr do turismo n'aquelle Paiz, para o que já foram convidadas todas as



CHAVES
PONTE SOBRE
O TAMEGA

tem a temperal-o-a sombra vasta do seu parque, e a refrigerancia das suas nascentes.

A região é privilegiada.

VIDAGO
CHALET
CHANTECLER,
ao fundo a fonte
de Vidago n.º 1

Em qualquer parte que um



organizações francezas de turismo, como Automoveis-Clubs, Sociedades alpinas, Club nauticos, Sindicatos de iniciativas de hotéis e de transportes, as Associações cyclistas e pedestres, o Comité da defeza das paisagens, de protecção aos monumentos, e de condução aos sitios pitorescos, as grandes Companhias de caminhos de ferro e de navegação; devendo igualmente receberem convites para ahi se fazer representar as principais associações turísticas dos paizes alliados.

Os topicos do programma d'essa grande festa, que constitue o Jubileu

do *Touring Club de France*, são os seguintes:

—Recepção solemne de boas-vindas
—Reuniões «causeries» que se realizarão em dois ou tres dias, durante as quaes se tratará de tudo quanto interessa ao turismo em França, para se chegar a um programma de desenvolvimento por uma acção coordenada de todos os organismos, segundo a sua esphera de acção.

Em seguida terão logar as grandes festas turísticas em Paris e nos diversos departamentos, cujo programma será opportunamente publicado.

«match» mais importante, o aspecto de frescura, representativo de um treino methodico e aturado, de qualquer dos outros três jogadores hespanhoes, que nos visitaram, era evidente.

Nem poderá dizer-se ser o facto apontado devido á fraqueza dos «matchs» jogados, pois a verdade é que, apesar de tem sido levada para Hespanha a quasi totalidade das taças do «Campeonato de Lawn-Tennis da Primavera», foram aquelles disputados ponto por ponto, tendo deixado na assistencia, até final, a incerteza de quaes seriam os vencedores.

Isto é até certo ponto honroso para nós portuguezes, pois o certo é que perder com honra é muitas vezes mais difficil do que ganhar, e nos presentes campeonatos a derrota portuguesa, (quando a houve), foi duplamente honrosa, quer pela reconhecida fortaleza dos nossos adversarios, quer pela resistencia verdadeiramente notavel, que os nossos jogadores ofereceram sempre até o fim.

Dos quatro jogadores que nos visitaram, Conde de Gomar, D. José Maria Alonso, D. José Maria Sagnier e D. Eduardo Flaquer, são os dois primeiros de Madrid, tendo disputado juntos o campeonato de «men's doubles» e a prova da «Taça d'Honra», sendo os dois ultimos jogadores de Barcelona que foram parceiros nas mesmas provas.

Todos muito fortes tennistas. Sallientarei, comtudo, como jogador de «singles», o Conde de Gomar, por se mostrado o mais forte de todos nesta prova.

E' com effeito este jogador de uma certeza notavel, o seu «drive» é muito bom, o «back hana» superior e o bolar forte é aproximadamente igual para a primeira ou segunda bola.

O seu estylo é tão perfeito, o seu modo de jogar apresenta uma tal simplicidade, que qualquer julgará poder com facilidade imitar o que está vendo fazer.

Isto bastará para provar o alto valor do Conde de Gomar, como tennista.

Em «men's doubles» é igualmente um fortissimo jogador, mas um pouco inferior, em minha opiniao, aquillo que é em «singles». Falta-lhe, nesta prova, um meio jogo rapido e o «smash» não condiz com o resto do jogo.

D. José Maria Alonso, o parceiro de Gomar, e o vencedor deste no campeonato de «singles» de Portugal, do anno passado, pareceu-me um pouco fóra de jogo, não obstante ter-se apresentado um jogador de raros recursos.

O seu bolar americano é muito bom e a sua collocação extraordinaria. Della provem, que um match, em que elle seja um dos jogadores, resulta em ge-

O CONCURSO INTERNACIONAL DE LAWN-TENNIS DA PRIMAVERA

REALISOU-SE nos dias 21, 22, 23, 25, 28 e 29 do mês de Abril proximo passado o Campeonato Internacional de Lawn-Tennis da Primavera.

Convidado a dizer nas paginas d'esta Revista, o que foi esse Concurso, e tendo acedido, não sem alguma relutancia (pelo reconhecimento da minha falta de competencia para o fazer) ao convite que me foi dirigido, aqui estou, fiel á minha palavra e contando com a benevolencia dos meus leitores, cumprindo o prometido.

A situação dos «courts» onde se realizou o Concurso, contriou sem duvida para o bom exito das provas.

Com effeito, os campos onde se travaram as renhidas lutas tennistas, são situados em terrenos, que confinam com os do Parque das Lorangeiras, gozando-se, portanto, de lá, do delicioso panorama, que se disfructa, ao encaram-se as frondosas arvores, nesta epoca de um verde encantador, que orlam o mesmo Parque.

Assim é que se tinha a impressao de estar em pleno campo, assistindo ao decorrer do torneio, aspirando o puro ar que soprava de vez em quando e sentindo por vezes o leve ruido, que o vento fazia ao atravessar ligeiro por entre as folhas do magestoso arvoredo.

A par da bella situação dos «courts» propriedade do Club Internacional de Foot-Ball, o club organisador do torneio, contribuiu, tambem, para o brilhantismo das provas que a sua organização que, apesar de não ser completamente perfeita, foi comtudo muito melhor do que tudo o que n'este genero se costuma fazer entre nós.

Da Comissao organisadora faziam parte os Srs. Affonso Villar, Placido Duro, D. José de Verda e Joaquim Victal, a quem d'aqui endereço as minhas felicitações pela maneira como

se houveram em tão difficil e ardua tarefa.

Não quero nem posso esquecer a imparcialidade e competencia com que a parte technica do torneio foi dirigida pelo «umpire» Guilherme Ferreira Pinto Basto.

Uma das vantagens capitaes que teve a realização deste campeonato, foi—sem duvida a—de que elle contribuiu para a internacionalisação de tão elegante e artistico «sport», animando e enthusiasmando os nossos jogadores de forma tal, que, caso até hoje nunca observado, em vez do descanso e enfado que seguem sempre a realização de um demoraço torneio, appareceu desta vez, e em seguida a este campeonato, um desejo enorme, por parte de todos os nossos jogadores, de melhorarem a sua forma, jogando com methodo e vontade de progredir.

Assim é que, em qualquer dia da semana, que se entrar nos «courts» do Club de Santa Martha, ahi se verão inumeros jogadores, entre elles as nossas melhores raquettes, jogando e treinando-se com «entrain».

Disto resultará sem duvida uma melhoria de forma dos nossos jogadores que conseguirão decerto, se até lá não desanimarem, arrancar as taças do Campeonato de Portugal—que se realizará, como de costume, no mês de Setembro, em Cascaes—das mãos dos campeões hespanhoes.

Estes são em boa verdade jogadores magnificos, sabendo comprovar á evidencia a fama de que estão precedidos. As suas bolas são fortes e bem collocadas, o seu estylo elegante e bem cuidado, e a sua preparação fisica magnifica.

Na verdade, com excepção do campeão de Barcelona D. Eduardo Flaquer, que ostentava um visivel cansaço ao fim da primeira partida de qualquer

ral menos interessante, por isso que a sua extraordinária collocação obriga o adversario a uma mais difficil ou quasi sempre impossivel resposta. Se por acaso o seu treino não é o sufficiente, succede que as suas bolas extremamente collocadas não surtem o effeito por elle desejado sendo annunciadas «out side» pelo juiz.

Esta mesma observação, que deixo exposta, me foi confirmada pelo Conde de Gomar, que trocando impressões comigo sobre o jogo, me dizia:

«Alonso querendo collocar sempre as bolas e não estando sufficientemente em jogo para isso, atira tudo fóra; quantas vezes lhe tenho dito, que em torneios, e quando se não está dominando o adversario, não se pode pensar em collocar demasiado, mas sim em fazer passar a bola por cima da rêde e nada mais... A verdade porém é que, sempre que Alonso estiver bem treinado, o seu jogo se tornará perigosissimo e difficilmente se deixará vencer.

Cabe-me agora a vez de fallar sobre os jogadores de Barcelona.

D. José Maria Sagnier é um jogador magnifico, consistindo a sua superioridade na rapidez das suas bolas.

O seu bolar fortissimo obriga o adversario a collocar-se tão distante da linha do fundo, que só difficilmente se consegue responder satisfatoriamente ao seu ataque.

O seu jogo á rêde é excellente, sendo portanto um jogador de «men's doubles» perigosissimo. O «drive» é muito rapido, sendo de entre os quatro jogadores, que nós visitaram, aquelle que o tem mais forte.

Por motivos da sua vida official foi obrigado a ausentar-se de Hespanha uns annos, tendo-o isso compelido a abandonar por algum tempo o jogo do tennis. Estou porem convencido, que, dentro de pouco tempo, e continuando com o treino que agora encetou, deverá readquirir o titulo de campeão de Hespanha, que já obteve em 1914.

Resta-me só—e para concluir a minha apreciação sobre os jogadores hespanhoes, referir-me a D. Eduardo Flaquer, o outro jogador barcelonense, que disputou a final de «singles» com o Conde de Gomar,

Este jogador, bom como todos os seus cutros companheiros, é talvez aquelle que tem um jogo mais facil. Na verdade as suas bolas não são fortes, antes pelo contrario, o seu salto é lento e dá tempo á preparação para a resposta, mas o seu valor está sobretudo na sua certeza e na sua serenidade.

Com effeito é Flaquer um jogador que mantem até ao fim o mesmo sangue frio e que desde o primeiro

até ao ultimo jogo conserva o mesmo «stroke», de uma precisão mathematica.

Nisto consiste a sua superioridade aliada, é claro, a outras qualidades que possui, como bom jogador que é, quaes sejam as de: um bolar magnifico, meio jogo bom e «back-hand» muito collocado e elegante.

Depois de me ter referido em primeiro lugar aos jogadores hespanhoes e sem que o facto deva ser considerado como desprimor ou menos consideração mademoiselle Carmen de Portago, mas antes como comodidade para o alinhar destas linhas, vou a seguir occupar-me d'essa gentil jogadora hespanhola, que honrou com a sua presença e com a sua elegancia os «courts» das Larangeiras, disputando a taça de Ladies Singles, e a de Mixed-Doubles com o Conde de Gomar.

O jogo de mademoiselle Carmen de Portago, deixou-me a mais agradável das impressões.

A sua esbelta figura e graciosidade dos seus movimentos no «court» difficilmente as esquecerão aquelles que tiveram a felicidade de presenciarem as partidas jogadas por mademoiselle Portago.

O seu jogo é brilhante, tendo um «drive» muito forte e collocado e um back-hand muito razoavel.

Sobretudo em «mixed-doubles» apresentou-se-nos uma jogadora de categoria, jogando primorosamente a final daquela prova, tanto no primeiro dia nas Larangeiras, como depois em Santa Martha, onde ella se concluiu.

Oxalá as suas promessas de vinda aos Campeonatos de Cascaes em Setembro, se cumpram para termos occasião de novamente apreciar o estylo elegante da gentil jogadora madrilena.

Dos nossos jogadores e jogadoras, direi que todos mostraram ter progredido, e muito mais conseguirão ainda se continuarem com os treinos, que encetarão com o mesmo entusiasmo de que agora os vejo animados.

Não devo concluir estas linhas sem fazer uma referencia especialissima á novel jogadora mademoiselle Victoria Perestrello, que num renhido «match», muito bem jogado, e depois de ter perdido a primeira partida, conseguiu ganhar a segunda e terceira á jogadora hespanhola Carmen de Portago.

Esta victoria é das que classificam uma jogadora e a nossa campeão de 1916 póde e—com razão—sentir-se orgulhosa por ella.

Ainda dirigirei, tambem, os meus parabens a mademoiselle Angelica Plantier, que continua a ser a mesma jogadora notavel de sempre, fazendo curvar todos deante da sua raquette invencivel.

Dos nossos jogadores referir-me-hei

em especial a Ernesto Ryder, que jogou muito bem contra Alonso, vencendo-o por $\frac{6}{4}$ $\frac{6}{4}$, a D. José de Verda, que apesar de ter perdido contra Alonso, jogou comtudo admiravelmente em «singles», em estylo perfeito, boa forma e jogo muito forte; Nobrega Lima, que jogou muito bem a partida de mixed-doubles com Miss Murphy contra Conde de Gomar e mademoiselle Portago, e por ultimo a Luis Ricciardi, que se evidenciou um magnifico jogador de «men's doubles», com um drive fortissimo, bom meio jogo, tendo conseguido vencer com o parceiro o par barcelonez Flaquer—Sagnier, na eliminatória da Taça de Honra e tendo oferecido uma resistencia digna de registo nas finaes das provas «Men's Doubles» e «Taça de Honra».

A assistencia que era numerosissima e selecta seguiu sempre com o maior interesse todas as partidas, aclamando vencedores e vencedores com o mesmo entusiasmo.

E ahi ficam as minhas impressões sobre o que foi o Campeonato de Lawn-Tennis de Primavera.

Os seus resultados officiaes foram:

LADIES SINGLES

- 1.º premio—D. Angelica Plantier
2.º " —D. Victoria Perestrello

MEN'S SINGLES

- 1.º premio—Conde de Gomar
2.º " —D. Eduardo Flaquer

MEN'S DOUBLES

- 1.º premio—D. Ed. Flaquer, J. M. Sagnier
2.º " —Luis Ric. D. João Villa Franca

TAÇAS D'HONRA

- 1.º premio—Conde Gomar, J. M. Alonso
2.º " —L. Ricciardi, D. João V. Franca

MIXED-DOUBLES

- 1.º premio—A. Plantier, D. João V. Franca
2.º " —E. Portago, Conde Gomar

Lisbôa, 3 de Junho 1917

D. JOÃO VILLA FRANCA

EXPEDIENTE

DEVIDO aos factos que se produziram ultimamente e que muito tem affectado a industria das artes graphicas, fomos compellidos a publicar este numero com grande atrazo, o que certamente nos será relevado pelos nossos assignantes, leitores e annunciantes.

PROJECTO PARA OS PAÇOS DO CONCELHO DE GUIMARÃES

A Camara Municipal da linda cidade de Guimarães, no louvável intuito de alargar as instalações que os progressos da vida moderna exigem para a administração cidadina, poz a concurso o projecto para uns novos Paços do Concelho, afim de substituir o que actualmente tem, de acanhadas dimensões para todos os serviços, municipaes, judiciaes e administrativos.

A este concurso, um dos mais concorridos, talvez mesmo, o de maior interesse que no nosso Paiz tem havido, apresentaram-se onze projectos, sendo classificados quatro, por ordem de merito artistico, pelo juri constituido pelos architectos, srs. Alexandre Soares, Leonel Gaia e Antonio Dias Guimarães, sendo os dois primeiros de Lisboa e o ultimo do Porto.

Os tres primeiros projectos classificados, foram como primeiro, segundo e terceiro premio, tendo o quarto Menção Honrosa.

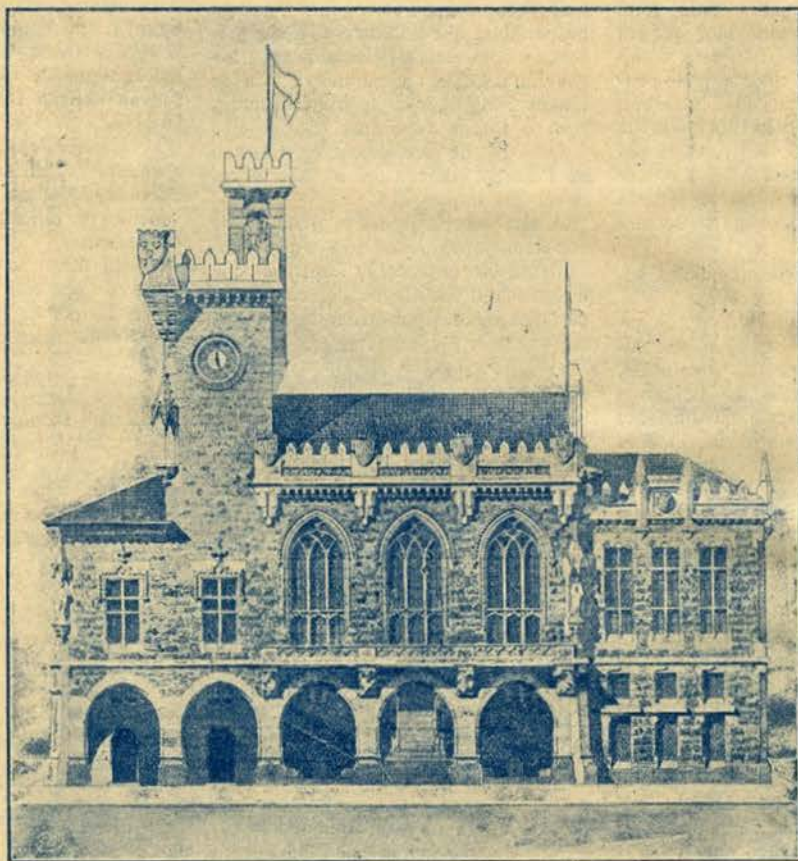
O juri declarou no seu Relatorio que, não só os projectos que classificou, como todos os demais, estavam fóra do concurso, por, na sua opinião, todos excederem a verba destinada pela Camara e mencionada no programa para a edificação; e que, por isso, classificava os projectos apresentados apenas sob o ponto de vista artistico, deixando á Camara a faculdade de: ou abrir novo concurso, ou alterar a verba de forma a fazer executar o que melhor fosse classificado, ou mesmo qualquer dos outros, também admitidos.

O projecto que mereceu o primeiro premio com a legenda «Ourique», apresentado na nossa gravura é do architecto portuense, José Marques da Silva, diplomado pelo governo francez e

um distincto artista, ao qual se devem já bastantes trabalhos importantes em o nosso Paiz.

A fórma «portugueza», dada ao projecto, influenciou sem duvida e justamente, no jury para a sua classificação em primeiro logar.

Os dois que obtiveram o segundo e o terceiro premios, muito bonitos—sem



contestação, afastaram-se, no entanto, d'essa orientação, e só o quarto, o que obteve Menção Honrosa, apresentou uma estilização tradicionalista portugueza, muito agradável.

Parece que a classificação do que é mostrado pela nossa gravura não é susceptível de ser contestada, pois sem duvida, é dos mais interessantes sob o ponto de vista da estilização, que se adequa á do resto dos monumentos, alguns coevos do tempo da monarchia, e de que Guimarães é tão fértil.

As arcarias, para abrigo das intempéries—emquanto se espera o começo das sessões ou audiencias—que se vêem ainda noutros edificios antigos

das provincias, a parte ameçada das fachadas, com os escudos, a «torre de menagem», com o seu relógio, e no angulo, na parte superior, o escudo das quinas e no inferior o nicho com o baldaquino, que também se vê nos cunhaes da fachada principal rematando os extremos das arcarias, são tudo partes interessantes da construção, que, oxalá, se possa fazer, pois irá completar o nucleo de bons edificios da historica e formosa cidade minhota.

N. G.

Novo horario da Companhia Portuguesa

COMEÇA em 8 do corrente a vigorar o novo horario d'esta Companhia, em cujo, as marchas dos comboios são mais morosas, por as machinas serem alimentadas a lenha e carvão, devido á falta d'este ultimo combustivel.

Todos os comboios foram alterados, mas devemos nós dizer em abono da verdade, as comodidades do publico, não foram affectados a ponto do nosso reparo, e ainda com esta mudança alguma coisa em compensação se ganhou.

Outro tanto não diz *O Seculo* que já começou a bramar, contra o rapido do Porto, se fazer só 3 vezes por semana e o comboio de Vendas Novas sahir ás 6 horas de Lisboa.

E veio, o colosso da informação queixar-se em nome do publico,

Ridiculo e mesquinho, tal sentimento humano! Que lhe importa ao *Seculo* que os comboios, sirvam bem ou mal o publico, comquanto os seus jornaes vão a tempo e a horas para as mãos dos assignantes e compradores, e não lhe tomem a frente os seus colegas do Norte.

Vejam lá se o colosso da rua Formosa, bateu a rebate contra o rapido do Porto; chegar, nos dois ultimos anos, á 1 hora da noite e o correio da Figueira quasi ao mesmo tempo.

Essa hora adiantada, que a Companhia era a primeira a reconhecer, e que não tinha semelhante lá fora, onde os comboios tem o seu terminus nas grandes cidades ás horas em que a vida nocturna está na sua importancia, e foi agora resolvida, chegando os dois comboios antes da meia noite.

Só os interesses directos affectados, fazem acordar o monstro da informação.

Mesquinho, superiormente mesquinho.